



## O feminismo no jornalismo brasileiro: o caso Carmen da Silva<sup>1</sup>

Ana Paula da CUNHA<sup>2</sup>  
Caroline Melo de SOUZA<sup>3</sup>  
Selma Benedita Coelho<sup>4</sup>

Centro Universitário de Rio Preto, São José do Rio Preto, SP

### RESUMO

O estudo pretende analisar o trabalho jornalístico de Carmen da Silva na revista *Claudia* como marco no movimento feminista brasileiro. Foram 22 anos de atuação na revista, com a seção "A arte de ser mulher", que representou mudança significativa no modo de análise do papel da mulher na sociedade. O trabalho proposto se justifica pela relevância do trabalho jornalístico de Carmen para o feminismo brasileiro e pela pertinência do tema para o jornalismo. O objetivo será analisar as contribuições do trabalho de Carmen na revista *Claudia* para o jornalismo ligado aos conceitos de gênero e também para o movimento feminista.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo; feminismo; revista *Claudia*; Carmen da Silva.

A revista feminina nasceu e se solidificou na Europa. A primeira publicação voltada para o público feminino foi em 1554, intitulada de "Il libro della bella donna", que circulava em Veneza. O primeiro periódico direcionado às mulheres com circulação regular surgiu na Inglaterra no ano de 1693, nomeada de *Ladie's Mercury*. Desde aquela época o caráter "conselheiro" que encontramos nas revistas femininas atuais já era muito usado. As dúvidas e angústias, principalmente amorosas, eram o foco principal desse novo meio de comunicação. A partir da segunda metade do século, as revistas incluíram novos temas, como literatura e astrologia. No ano de 1800 a moda ganhou seu espaço e entrou de vez nas publicações (MELO; PEDROSA, 2011)

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UNIRP, email: [anecat\\_cunha@hotmail.com](mailto:anecat_cunha@hotmail.com).

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UNIRP, email: [carolinemelo0@hotmail.com](mailto:carolinemelo0@hotmail.com)

<sup>4</sup> Orientadora; mestra em Televisão Digital, professora do Curso de Comunicação Social do Centro Universitário de Rio Preto. Pós-Graduada em Gerenciamento de Marketing; Bacharel em Música e Artes; pesquisadora do audiovisual.



De início, as revistas eram vistas como um artigo de luxo, de pouco acesso. Mas, logo se expandiu e ganhou novos territórios, como os EUA e toda a Europa. No Brasil, as revistas femininas chegaram somente no ano de 1827, com o título de "O Espelho Diamantino". A base dos periódicos brasileiros era formada por moda e literatura. Na década de 50, as revistas voltadas ao público feminino eram focadas nas mulheres recém-casadas ou nas mães de família. O texto usado nas revistas era direto e sempre com um tom amigável.

Já "Claudia", a revista que a Abril lançou em 1961 com o nome que Victor e Sylvana Civita queriam dar a uma filha, focalizava a mulher no território da casa. O mundo doméstico ganhara um brilho novo no momento que chegavam ao mercado geladeiras, televisores, sabões que lavavam mais branco e chocolates solúveis. O Brasil vivia em época de crescente expansão do capitalismo, submetendo todas as atividades – inclusive a imprensa – à lógica da modernização do país.

A ideia de vida moderna da época era adquirir esses produtos, era abastecer sua casa com a última invenção de geladeira. E a mulher que seguia esse conceito, era tida como um exemplo a ser seguido, pois, estavam dando toda suas atenções as coisas mais importantes de sua vida: sua casa, seu marido e seus filhos. A revista Claudia era voltada a esses novos anseios. Os textos escritos na revista eram mais informativos, com matérias mais elaboradas e tinha um cunho jornalístico mais forte, apesar de que toda revista feminina na época tinha a publicidade direcionada ao desejo de compras das mulheres como carro forte da edição (XAVIER FILHA, 2011).

Foi na década de 70 que as mulheres tiveram uma mudança significativa dentro e fora de casa e, conseqüentemente na imprensa feminina brasileira. As revistas quando abertas não se compunham apenas de textos de como ser uma boa mãe, ou de como agradar seu marido na cama, na mesa e no banho. Mas também de textos importantes para as mulheres como sua saúde, prazer sexual e a beleza de seu corpo. Não tinha mais aquele medo de chocar as leitoras com assuntos antes considerados tabus.

Uma importante personagem, talvez a mais importante, nessa evolução da imprensa feminina direcionada a revista foi Carmen da Silva, colunista de "Claudia". Carmen nasceu em 1918 no Rio Grande (RS), filha de uma família tradicional de classe média. Ela chega à revista "Claudia" em 1963, com o dever de, com sua experiência literária e cultural, escrever a coluna "A arte de ser mulher". Seu contato com escritores e políticos e base psicanalítica fizeram com que a jornalista tivesse um olhar crítico sobre as



relações entre os sexos. Suas experiências e conhecimentos lhe permitiam um olhar diferente diante da mulher de classe média, assim seus artigos tinham como proposta inicial produzir um espaço para retratar a condição da mulher brasileira e capacitá-las para desenvolver novos papéis na sociedade (COSTA, 2011).

Sendo assim, Carmen iria ocupar um espaço que até então era ocupado por temas voltados para a dona de casa, mãe e esposa. Que a partir daí iria tomar outra vertente, a mulher, um ser independente, socialmente ativa e profissionalmente bem sucedida. Todo esse contexto se torna imprescindível para as mulheres daquela época, que por muitas vezes só dispunham da revista *Claudia* como fonte de informação e conhecimento. Nos primeiros artigos ali publicados logo causaram grande impacto nas leitoras que se pronunciavam em forma de cartas, respondendo de várias maneiras a leitura, como é citada em um de seus livros “Memórias Híbridas de uma mulher de respeito”.

Meus artigos caíram como UFOs incandescentes no marasmo em que dormitava a mulher brasileira naquela época. Logo comecei a receber uma avalanche de cartas de todos os tons: desesperados apelos, xingamentos, pedidos de clemência: deixe-nos em paz, preferimos não saber! Consciência dói – olé se dói, mais do que “patadas em los huevos” (Carmen Silva apud VÁRZEA, 2011).

O texto apresentado por Carmen nos artigos era leve, sem resquícios de moralismo e com análises de psicanálises, que se tornavam eficazes para suas descrições comportamentais e sociais. Os textos eram apresentados de forma coloquial, embora fossem recorridos a vocabulários rebuscados e termos de psicologia, mas assim explicados em termos do dia a dia. Os artigos em média tinham quatro páginas e eram iniciados com o título em destaque, o nome da seção e a assinatura da articulista. Em média suas leitoras estavam situadas na faixa dos 18 aos 24 anos, casadas, ou desejavam estar estarem casadas. Como os principais temas da revista eram: família, corpo, moda, culinária e trabalho. A seção de Carmen da Silva também se preocupava em debater esses assuntos.

O trabalho de Carmen iniciou como uma conscientização, dando prioridade para os problemas enfrentados pelas leitoras, suas insatisfações individuais. Tanto que seu primeiro artigo “A Protagonista” (1963) enfatiza esse trabalho de conscientização:



Cada mulher pode e deve protagonizar sua vida dentro do âmbito que escolheu, seja êle vasto ou reduzido, seguindo suas inclinações, acatando os ditames de seu temperamento e, em certa medida, do círculo social, econômico e cultural a que pertence. O problema não consiste em fazer coisas espetaculares, mas sim em tomar consciência dos seus objetivos e aceitar a tarefa que sua consecução impõe. (Carmen Silva apud DUARTE, 2011)

O artigo propunha que as mulheres fugissem dos rótulos que lhe eram impostos e se tornassem protagonistas de suas próprias vidas, que desse prioridade as suas idealizações. Para demonstrar o cuidado de Carmen da Silva com sua escrita e a cautela com que descreve a crítica, e usado em muitos momentos de seu discurso o verbo na terceira pessoa (“reconheceremos”; “participarmos”; “abramos a mente”). Deixando claro sua inclusão nesse universo e trazendo proximidade com as leitoras.

A partir de então a jornalista percebendo o avanço conceitual das leitoras começa a tomar outras vertentes dentro dos temas, como foi o artigo “A grande batalha” (1976) que discute sobre os direitos e participação da mulher profissionalmente, a luta por salários e cargo iguais.

A mão-de-obra feminina, qualificada ou não, ajuda a enriquecer a sociedade.[...] Ora, o que “fornece” gente – matéria-prima da sociedade, razão de ser do mundo, mão-de-obra produtiva, impulso de toda e qualquer progresso – é o ventre da mulher. [...] É óbvio, pois, que o menos que a sociedade deve à mulher é proporcionar-lhe os meios para que ela possa cumprir as exigências básicas da sobrevivência dessa mesma sociedade, ou seja: trabalhar e ter filhos; contribuir para o progresso social e garantir a continuidade da espécie.[...] O primeiro e mais urgente são os equipamentos sociais para um adequado atendimento infantil. Lugares onde a mãe possa confiar seus filhos a equipes especializadas em puericultura, psicologia, pedagogia.[...] Somos nós, mulheres de classe média esclarecida, que temos de invadir o mercado de trabalho e aí, como elementos atuantes e influentes, impor a força das necessidades e reivindicações de todas as mulheres. Em certos aspectos, as angústias e inquietações da mulher que trabalha fora, são provocadas principalmente pelos preconceitos culturais com relação ao papel feminino. (Carmen Silva apud COSTA, 2011)

Em suma, os vinte e dois anos ininterruptos em que Carmen da Silva escreveu para a revista *Claudia*, na coluna “A arte de ser mulher” contribuiu para transformações visíveis do papel da mulher perante da sociedade. Carmen não escrevia receitas de como encontrar a felicidade ou como desempenhar melhor o papel mãe-esposa. Mas sim, questionava as situações vividas por aquelas mulheres, um feminismo que estaria mais ligado a liberdade do que preconceito. Descrevia a liberdade de escolha da mulher, na qual poderia desempenhar papel de mãe e esposa, desde que fosse de vontade própria e



fossem adquiridas outras funções também como o de profissional. O jornalismo exercido por ela exemplifica que, atitudes recorrentes de fatos históricos vieram de bases conceituais, estas que foram apresentadas por Carmen e apresentaram seus primeiros resultados na década de 60 e são fortalecidos por todas as mulheres do século XXI.

Este trabalho tem como objetivo falar de uma importante personagem na evolução da imprensa feminina brasileira. Mostrar um pouco da história de sucesso que Carmem da Silva construiu com a revista *Claudia*, na qual escreveu 22 anos ininterruptos a seção “A arte de ser mulher”. Portanto, toda essa liberdade que a imprensa feminina brasileira possui nos dias de hoje; com várias revistas direcionadas para o público feminino, contendo todo tipo de assunto e debatendo questões importantes para a mulher, é fruto da inteligência e pioneirismo de Carmen da Silva. Porque o efeito de seu trabalho reflete na maneira em que a imprensa atual lida com os assuntos da mulher. E é essa influência decisiva que o presente estudo pretende abordar.

## REFERÊNCIAS

BARDWICK, Judith M. **Mulher, sociedade, transição**. São Paulo: Difusão Editorial S/A, 1981.

COSTA, Maria Paula. **As histórias de uma “Senhora de Respeito”**. Carmen da Silva e sua presença na seção “A arte de ser mulher”. Disponível em: <[http://www.cedap.assis.unesp.br/patrimonio\\_e\\_memoria/patrimonio\\_e\\_memoria\\_v6.n2/artigos/as\\_historia\\_de\\_uma\\_senhora\\_de\\_respeito.pdf](http://www.cedap.assis.unesp.br/patrimonio_e_memoria/patrimonio_e_memoria_v6.n2/artigos/as_historia_de_uma_senhora_de_respeito.pdf)>. Acesso em: 14 nov. 2011.

DUARTE, Ana Rita F. **Carmen da Silva – o feminismo na imprensa brasileira**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2005.

DUARTE, Kelley Baptista. **Carmen da Silva: nos caminhos do autobiografismo de uma “mulheróloga”**. Disponível em: <<http://www.ppgletras.furg.br/disserta/kelleyduarte.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2011.

LEITE, Miriam L. M. **A condição feminina no Rio de Janeiro – Século XIX**. São Paulo: Hucitec, 1984.

MELO, Guianezza M. G. S.; PEDROSA, Cleide E. F. **Feminismo: revista Claudia**. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/xiv\\_cnlf/tomo\\_2/1772-1784.pdf](http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_2/1772-1784.pdf)>. Acesso em: 23 nov. 2011.

MORAES, Eliane Robert. **Feminista é mulher**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v12n2/23971.pdf>>. Acesso em: 8 nov. 2011.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: Edusc, 2005.



PINTO, Céli Regina Jardim. **O Feminismo no Brasil e suas múltiplas faces**. Disponível em:  
<<http://www.scielo.br/pdf/ref/v12n2/23971.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2011.

SARTI, Cynthia. **Feminismo no Brasil: Uma trajetória particular**. Disponível em:  
<<http://educa.fcc.org.br/pdf/cp/n64/n64a04.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2011.

TELES, Maria A. A. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

VARZEA, Mariana. **Carmen da Silva e a arte de ser mulher**. Disponível em:  
<<http://www.bolsademulher.com/estilo/carmem-da-silva-e-a-arte-de-ser-mulher-1333.html>>.  
Acesso em: 10 nov. 2011.

XAVIER FILHA, Constantina. **Feminilidade e sexualidade feminina hegemônicas no Brasil e em Portugal**. Disponível em:  
<<http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/121ConstantinaXavierFilha.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2011.